



## Resenha

ANDRÉ, Richard Gonçalves. *Budismo e Xintoísmo na cultura religiosa japonesa: sincretismos, migrações, ressignificações*. Curitiba: Editora Centro Ásia, 2022, 224 páginas.

Leonardo Henrique Luiz<sup>1</sup>

Lançado pela Editora Centro Ásia em 2022, a obra de Richard Gonçalves André apresenta oportuna reflexão a respeito do panorama acadêmico sobre o Budismo e o Xintoísmo em língua portuguesa. Professor do departamento de História na Universidade Estadual de Londrina, André possui longa experiência no estudo das religiões, especialmente a respeito do Budismo japonês e suas implicações com o fenômeno xintoísta. Ao longo de sua trajetória, publicou trabalhos acerca do Budismo no Brasil, especialmente no que se refere as práticas mortuárias, além disso, investigou as conexões entre Budismo e Xintoísmo no contexto japonês com destaque para as discussões presentes a partir do século XX.

Justamente por conta dessa trajetória, como o próprio autor reconhece, as temáticas presentes no livro seguem os caminhos desenvolvidos por André ao longo de suas pesquisas sobre as religiões japonesas em questão. Não seria exagero afirmar que o livro sintetiza parte dos esforços de pesquisa realizadas pelo autor ao longo de sua trajetória acadêmica, afinal, os temas recortados e as fontes utilizadas foram alvo de investigações em projetos e pesquisas anteriores ao longo do tempo.

Conforme argumenta André, os estudos sobre Budismo e Xintoísmo estão em construção no Brasil. Dessa forma, o livro se constitui como esforço de reunir trajetórias dispersas apresentando discussões nacionais e internacionais, apontando lacunas e possíveis reflexões para futuras pesquisas. Composta por sete capítulos, além do prefácio assinado por Rafael Shoji, a obra pode ser dividida em duas partes: quatro capítulos iniciais dedicados ao Budismo e três capítulos finais ao Xintoísmo, ao longo dos quais o autor evidencia os diferentes estágios dos estudos budistas e xintoístas.

Em sua narrativa, André realiza um caminho didático iniciado com a familiarização do leitor aos termos caros as referidas crenças, passando pelos desenvolvimentos em território japonês e a posterior difusão global do Budismo e Xintoísmo nos demais capítulos. Essa trilha estabelecida não necessariamente pressupõe uma estrutura temporalmente inflexível, pois em diversas passagens são criadas conexões entre diferentes fenômenos contemporâneos e as religiões. Da mesma forma, para além da divisão entre Budismo e Xintoísmo é possível encontrar inúmeras trocas entre as crenças, especialmente, dentro do universo religioso japonês.

Tendo o Budismo como ponto de partida no capítulo um, André busca em um primeiro momento apresentar as principais questões a respeito da biografia do Buda Histórico, Sidarta Gautama, e os

<sup>1</sup> Doutor em História pela Universidade Estadual de Maringá. Professor da Universidade Federal de Roraima e Secretaria de Educação e Desporto de Roraima.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1331-2057>.

E-mail: leonardo.historia2@gmail.com.



desenvolvimentos da crença no subcontinente indiano. A ênfase do capítulo se concentra no vocabulário dos conceitos budistas em consonância com as próprias vivências do Buda. A partir desse panorama inicial, o autor se dedica a explorar o universo religioso budista no Japão.

No capítulo dois, a análise do Budismo japonês se concentra nas questões devocionais e na ancestralidade, escolhas que remontam aos referidos objetos que foram alvo de pesquisa por parte do autor. Isso é perceptível pela ênfase nas escolas da Terra Pura e Zen budismo, em detrimento de outras práticas budistas possíveis. Essas exclusões são compensadas por menções que, embora sejam pontuais, ajudam a compreender a complexidade do universo religioso japonês. Da mesma forma, há uma delimitação temporal privilegiada: o Budismo organizado no Japão a partir da Restauração Meiji (1868). Com base nesse recorte são feitas incursões a respeito da introdução da religião no Japão no século VI, os sincretismos com o culto aos *kami*<sup>2</sup>, o desenvolvimento do Budismo de Kamakura no século XIII e demais momentos significativos da história budista japonesa que permitem compreender o Budismo contemporâneo.

A difusão desse Budismo japonês é tema central do capítulo três, no qual o autor menciona os interesses intelectuais na crença presentes no Ocidente, mas prefere estabelecer como foco o processo migratório ao Brasil no século XX. Em tal narrativa, André destaca os entrelaçamentos das práticas do Budismo japonês com a própria situação do imigrante em território brasileiro. Essa “história social” do imigrante (ANDRÉ, 2022, p. 83) envolveu os discursos antinipônicos, as condições insalubres de trabalho presentes nas fazendas de café paulista, entre outros elementos que mancaram as transformações das práticas religiosas no Brasil. Nesse sentido, André ressalta o desenvolvimento do culto aos ancestrais e a continuidade dos sincretismos no Brasil: se no Japão os sincretismos ocorriam em relação ao culto aos *kami*, no Brasil os elementos sincretizados se referem ao universo cristão, particularmente Católico. Outro elemento importante a respeito das transformações das práticas budistas no Brasil é o processo de cemitização do culto aos ancestrais, fenômeno brasileiro atrelado ao processo de descontinuidade do culto aos ancestrais em âmbito doméstico entre os descendentes de japoneses.

Tais discussões são a base para as formuladas no capítulo quatro, a respeito do Budismo institucional no Brasil. Embora se embase na consagrada formulação do antropólogo Takashi Maeyama (1967) a respeito do desenvolvimento das missões religiosas budistas japonesas a partir da década de 1950, André ressalta a existência de um período pré-institucional denominado de “Silêncio religioso”, clara referência a sua tese de doutoramento (ANDRÉ, 2011), na qual defendeu a existência de práticas budistas anteriores ao processo de construção dos templos no Brasil. De toda forma, os templos ocupam espaço relevante na discussão sobre a crença, justamente por isso, André discute os desafios enfrentados pelo Budismo japonês diante da dificuldade de reprodução social e as diversas “soluções criativas” adotadas no cenário contemporânea pelas diferentes escolas ou mesmo templos no Brasil.

No capítulo cinco, o autor inicia o aprofundamento na discussão a respeito do Xintoísmo destacando o porquê da utilização da grafia Shintō para se referir ao fenômeno em questão. Para além das escolhas linguísticas, André embasa sua argumentação sobre a crença a partir das formulações de Toshio Kuroda (1981), segundo o qual, o Xintoísmo como religião independente inexistia antes do final do século XVIII. Em sua narrativa, André destaca especialmente a vinculação do Xintoísmo com o Estado japonês

<sup>2</sup> Termo utilizado para se referir as divindades xintoístas englobando desde *kami* criadores como Izanagi e Izanami até *kami* habitando montanhas, rios, ancestrais e insetos.



no século XIX e suas conexões com o colonialismo e imperialismo existente até a derrota japonesa na Segunda Guerra Mundial.

Ao abordar o Xintoísmo do pós-guerra no capítulo seis, André destaca o processo de reinvenção da crença tendo em vista o fim dos subsídios concedidos pelo Estado. Embora teça reflexões sobre as relações dos movimentos xintoístas com a cultura pop japonesa, o discurso ecológico xintoísta, as polêmicas envolvendo os resquícios do Xintoísmo de Estado, entre outros assuntos, o autor se concentra justamente nas relações de reconstrução do Xintoísmo a partir da lógica da desarticulação do Xintoísmo de Estado. Essas escolhas implicam poucas menções a manifestações xintoístas como o Kyōha Shintō (NOBUTAKA, 2002), o papel das *Fujo* (KAWAMURA, 2003), entre outras manifestações. Isto é, percebe-se que embora o autor realize um esforço em olhar para além das possibilidades de análise do Xintoísmo de Estado, as poucas pesquisas sobre a temática dificultam o próprio distanciamento desse recorte.

Já no capítulo final o autor busca apontar os diferentes indícios pelos quais é possível perceber o Xintoísmo no Brasil. Entre as formas destacadas, estão a construção de santuários Xintoístas como o Bugre Jinja, as formas de referência xintoístas presentes nas escolas japonesas, o movimento da Shindō Renmei que também apresentou características do Xintoísmo de Estado, entre outras práticas observadas no Brasil.

Conforme ressalta André nas considerações finais da obra, todo esse percurso abordado não significa o esgotamento das questões. Pelo contrário, ao longo do livro foram lançadas hipóteses e possibilidades de investigações futuras em consonância com a historiografia estabelecida em diferentes línguas visando contribuir como referência de base com os conhecimentos reunidos para as pesquisas sobre Budismo e Xintoísmo em língua portuguesa. Devido as poucas publicações em português, *Budismo e Xintoísmo na cultura religiosa japonesa* é uma obra obrigatória aqueles que desejam se familiarizam com as crenças e a cultura japonesa, assim como para os pesquisadores que têm o Oriente como foco de interesse acadêmico.



---

## Referências

- ANDRÉ, Richard Gonçalves. *Religião e silêncio: representações e práticas mortuárias entre nikkeis em Assaí por meio de túmulos (1932-1950)*. 2011. Tese (Doutorado em História) – Universidade Estadual Paulista, Assis.
- KAWAMURA, Kunimitsu. A Female Shaman's Mind and Body, and Possession. *Asian Folklore Studies*, v. 62, p. 255-287, 2003.
- KURODA, Toshio. Shinto in the history of Japanese religion. *Journal of Japanese Studies*, n. 7, p. 1-21, 1981.
- MAEYAMA, Takashi. *O imigrante e a religião: estudo de uma seita religiosa japonesa em São Paulo*. 1967. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo.
- NOBUTAKA, Inoue. The Formation of Sect Shinto in Modernizing Japan. *Japanese Journal of Religious Studies*, v. 3-4, n. 29, p. 405-427, 2002.